

Meditação do dia
Comentário de Lc 24, 15-35

Terça 16/07

Lc 24, 15-18 : *Enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus aproximou-se e pôs-se a caminhar com eles. Os seus olhos, porém, estavam como vendados, incapazes de reconhecê-lo. Então Jesus perguntou: "O que andais conversando pelo caminho?" Eles pararam, com o rosto triste, e um deles, chamado Cléofas, lhe disse: "És tu o único peregrino em Jerusalém que não sabe o que lá aconteceu nestes dias?"*

Introdução

Bom dia, caríssimos, bom dia a todos!

Pense na sorte que temos de estar aqui. Que grande privilégio é poder passar alguns dias sem pensar em outra coisa que não seja mergulhar no Evangelho: entrar profundamente na Palavra de Deus.

Lá fora há um mundo acelerado que corre. Alguns para o trabalho, outros para férias, outros para as tarefas contínuas... numa perseguição contínua a um tempo que foge, a uma felicidade que não pode ser alcançada...

Por alguns dias vamos parar o tempo aqui. Viveremos um tempo dilatado. Não teremos pressa, não teremos ansiedade. Não vamos avançar, mas vamos fundo. Vamos estar assentados em uma cadeira, mas teremos uma jornada emocionante, cheia de descobertas. Uma exploração do Evangelho e de nós mesmos.

E sairemos dela transformados, porque o contato com a palavra do Senhor renova a vida.

Todos os dias nos oferecerão trechos do Evangelho, alguns versículos, pequenas migalhas que provaremos com calma, para redescobrir quanta riqueza de sabores e aromas há em um pedaço do Evangelho saboreado juntos.

Não tenho competência oficial para conduzi-lo por esse caminho. Não sou padre, freira ou mesmo estudioso da Bíblia. E não sei por que fui escolhido pelos muito bons e gentis organizadores deste magnífico congresso. É porque sou apaixonado pelo Evangelho?

Só posso garantir-vos isto: que cada palavra que vos digo está encarnada na minha vida, é a palavra do Evangelho posta à prova na minha vida, tanto nos momentos mais dolorosos como nos momentos mais alegres.

A palavra do Evangelho é uma palavra que nunca me decepcionou, que me transformou e continua a me transformar. Uma força da vida que sempre nos renova.

A tarefa que me foi confiada é desafiadora, pede não só para comentar os versículos de Lucas relativos aos discípulos que vão a Emaús após a paixão e morte de Jesus, mas também para conectá-los com a liturgia eucarística.

Procurarei, portanto, todos os dias acompanhar-vos por três caminhos, que se entrelaçarão livremente, sem esquemas pré-estabelecidos e rígidos, porque não gosto de ser didática. O evangelho é vida, e a vida precisa se mover livremente.



Os caminhos pelos quais caminharemos são estes:

1. Reviver a experiência dos dois discípulos de Emaús, graças a uma narrativa que nos leva a nos identificar com eles.
2. Observar cuidadosamente o comportamento de Jesus, que palavras e gestos Ele escolhe, o que eles têm a nos dizer agora.
3. Ligar as passagens evangélicas à liturgia eucarística, às partes que a compõem.

O objetivo é ter uma experiência interior transformadora. Trabalhemos pelas mãos do Senhor. Sejam impelidos pelo sopro do seu Espírito a abrir-nos, a renovar-nos.

Sentir que a sua palavra é para nós o que a primavera é para os prados, para os prados que de novo se enverdecem, brotam, florescem.

Fazer tudo junto, aqui, com tanta gente, é algo absolutamente excepcional, me emociona muito. Basta pensar: há milhares de corações aqui que estão prontos juntos para serem movidos pela palavra de Deus.

Espero que todos nós, com todo o meu carinho, que nossos corações ardam, que Jesus nos reacenda, reacenda a chama da nossa fé. Basta pensar quanto calor todos nós podemos liberar juntos!

Comentário

Os dois de Emaús: exegetas explicam que poderiam ter sido dois amigos ou talvez um casal. Ando com eles e escuto suas dores.

Não pensamos o suficiente sobre um fato que é a realidade básica da fé cristã: ela nasce de um trauma, o mais terrível já experimentado pelos crentes de todas as crenças, a cruz.

O trauma inconcebível: Deus que se deixa matar. Junto com Jesus, morre na cruz o sonho de uma humanidade redimida e curada, um sonho de fraternidade e amor universal, o sonho dos sonhos. Uma grande causa, aniquilada em poucas horas de interrogatório, tortura e execução implacável.

Havia uma pequena comunidade de discípulos que havia tomado forma em torno desse sonho, uma comunidade viva, embora não desprovida de mal-entendidos e conflitos.

Aquelas mulheres e homens tiveram que testemunhar o estupro de sua esperança. Eles haviam testemunhado a violência desencadeada contra um homem inocente com olhos tão transparentes e bons quanto os de uma criança.

Um poder forte e arrogante cuspiu sobre o rosto de Jesus, sobre o rosto de um homem que mostrava a verdadeira face da humanidade.

E então o sangue de suas mãos doces, seus pés pregados na madeira, aquelas mãos com as quais ele soube cuidar e acariciar com tanto amor, aqueles pés incansáveis sempre em caminho para trazer uma palavra de vida, um abraço de amor até mesmo aos mais distantes e marginalizados.

Os amigos de Jesus têm tudo isso nos olhos e no coração: o horror e uma dor indescritíveis impressos em suas lembranças em caracteres de um vermelho sangue indelével. E sentem o vazio, temeroso como abismo, da ausência de Jesus.



TORINO 2024

13° raduno
internazionale



Atordoados, desorientados, assustados, os discípulos se dispersam ou se recolhem em si mesmos.

O espaço ao seu redor encolheu, adaptado aos seus medos e decepções. Os vastos espaços a que o rabino da Galileia, que cavalgava terra e céus no lombo de um jumento, são apenas uma memória.

Sua geografia do coração tornou-se subitamente apertada e, conseqüentemente, sua inteligência da realidade também encolheu.

De um objetivo que parecia próximo, ao alcance - aquele reino de Deus prometido por Ele - eles se veem jogados de volta nas profundezas incompreensíveis e obscuras daqueles que, tendo zarpado em mar aberto com o entusiasmo da mais bela aventura, sentiram o barco desmoronar sob seus pés.

Os dois de Emaús são naufragos, dois naufragos à deriva, já não têm mais uma rota para onde se dirigir. E sentem que suas vidas não têm mais sentido.

Eles haviam alimentado um sonho naqueles três anos com Jesus, que fizera seus desejos voarem alto. Aquele rabino de mãos calejadas, ao mesmo tempo simples e misterioso, acendera neles aquele sonho maravilhoso: em vez dessa nossa triste história, que parece repetir-se vezes sem conta - uma história de violência e opressão, de escravos e senhores -, Jesus lhes abria horizontes de novos céus e novas terras.

Ele havia prometido um reino de amor, um lugar onde o rosto de todos é tão claro quanto o de uma criança, e a mão não esconde nenhum punhal.

Uma humanidade curada, um jardim em que a vida floresce e amadurece, se doa, sem inimigos...

Aqueles que seguiram Jesus acreditaram nele, porque o viram em ação. Tinham visto os doentes curados, pobres criaturas sofredoras, oprimidos no corpo e no espírito, retomarem o caminho da vida, renovados. Ele tinha visto prostitutas endurecidas no cinismo voltarem a chorar e realmente amar. Ele tinha visto pecadores endurecidos, apropriadores de dinheiro, deixarem tudo e se entregarem a uma missão perigosa, a do rabino da Galileia perseguido pelos fariseus. Ouvira criminosos no cadafalso proferirem palavras de ternura... E os mortos voltarem à vida!

Eles acreditavam que aquele homem era divino, tão capaz de amar e dar a vida era ele: filho do homem e filho de Deus.

Mas então esse homem-Deus, um profeta poderoso, que curou os moribundos e ressuscitava os mortos, foi morto! Mãos humanas o atingiram. Então, simplesmente, como se ataca qualquer outra pobre vida humana, assim Jesus foi torturado, ferido, chicoteado, morto.

O poder o julgara um desperdício, um homem a ser eliminado.

Os discípulos tinham fugido, tinham medo, tudo era grande demais para si mesmos e muito imprevisivelmente desconcertante.

O mundo desabou sobre eles. O chão que falta-lhes debaixo dos seus pés. Uma queda no desconhecido.

Você não passa ileso por um trauma dessa magnitude. Imagino os dois a caminho de Emaús em choque, caminhando juntos para dar um pouco de coragem um ao outro e preencher o silêncio com palavras, com histórias que se repetem constantemente e com perguntas sem resposta, por medo do silêncio, por medo de ficarem sozinhos diante daquele vazio, daquele abismo.

Eles vieram de Jerusalém. Longe, fogem daquele lugar amaldiçoado! Vão embora, abandonam ali, deixam para trás os escombros do sonho, castelos no ar!

Sair, voltar, encolher para o tamanho do cotidiano, deixar-se levar pelos pequenos desejos habituais de cada dia: mais pão, menos esforço, um pouco mais de bem-estar... E talvez, quem sabe, torcer por uma reversão política, mas nada mais.

Como é terrível a dor de perder sonhos. Como é terrível ver que as esperanças não se realizam, que o amor morre.

Como é cruel o golpe em nossos corações quando, pela enésima vez, vemos que foi o desamor, a arrogância, a injustiça que venceu.

Você se sente perdido, sozinho. E você gostaria de tirar isso de alguém, atacar um inimigo, mas você percebe que a decepção, a derrota também é sua, você mesmo está decepcionado, você mesmo se sente um perdedor.

E você se vê não se amando, se desprezando, se perguntando se sua vida tem algum sentido.

Jesus entra em nossas vidas em dias como este, enquanto caminhamos por caminhos regressivos retornando a uma Emaús que é para nós o lugar da desesperança, o lugar do desencanto, do chamado "realismo".

O lugar para onde vamos sabendo que nada de novo vai acontecer lá e que teremos que aceitar o mundo como ele é e aceitar e não mais sonhar.

Não queremos mais levantar os olhos, olhar para cima, sonhar grande, porque tudo desabou e desabou sobre nós.

A vida voltará à rotina habitual e mudaremos nossos desejos para pequenas coisas, olharemos para baixo, para não nos sentirmos desesperados.

Os discípulos de Jesus: Eu sinto que eles são semelhantes a mim, esses dois.

Semelhantes, porque trilham os mesmos passos das minhas derrotas, da minha desilusão, do meu desespero.

Semelhantes, porque descem pelos mesmos vales escuros, entram nas mesmas noites em que parece que não há sequer um fio de luz amigável para lhe dar coragem. Apenas escuridão e tristeza, escuridão e medo. Nada mais.

E você mal pode esperar para chegar em casa, para fechar a porta atrás de você e se defender da vida, de seus ataques temíveis.

Mas algo acontece, um encontro inesperado e aparentemente aleatório. Em seu caminho para a decepção, os dois de Emaús encontram um estranho, que eles nunca viram.

As primeiras palavras de Jesus são uma pergunta: *O que andais conversando pelo caminho?*

Sinta a sutileza e também a ironia nessa pergunta de Jesus que finge não saber nada sobre nada, como se fosse um estranho que por acaso era de sabe-se lá de onde. E a resposta dos dois, de fato, é: *Só você é um estranho em Jerusalém! Você não sabe o que aconteceu com você nos dias de hoje?*, o que equivale a dizer: mas você está fora de contato com o mundo?

Isso é curioso. Jesus parece adotar uma espécie de ironia socrática, isto é, o método usado pelo filósofo Sócrates para fingir ser ignorante a fim de forçar seu discípulo a explicar sua opinião, para que ele pudesse ver por si mesmo que ela era infundada.

Jesus não faz perguntas ao acaso. É o seu método, a sua pedagogia, para solicitar aos discípulos perguntas. Nos Evangelhos há até 220 perguntas de Jesus.



TORINO 2024

13° raduno
internazionale



"Um ditado hebraico diz que no princípio Deus criou o ponto de interrogação e o colocou no coração do homem" (E. Ronchi).

No início da missão pública de Jesus, quando os primeiros discípulos começaram a segui-lo, sua primeira grande pergunta foi: *O que você está procurando?* (Jo 1, 38) e é uma pergunta que Jesus também nos faz agora: o que procuramos? O que nos move? Qual é o meu desejo? Meu objetivo?

Porque essa é a mola mestra de tudo, o que impulsiona minha vida.

Agora, no caminho para Emaús, a questão é outra. Jesus pergunta: *O que andais conversando pelo caminho?* Ele quer ouvir a interpretação deles dos fatos, ouvir o que eles entenderam sobre sua vida e morte na cruz. Garantir que eles sejam questionados e que se abram para uma nova e mais ampla compreensão dos acontecimentos.

"A forma do ponto de interrogação lembra a de um anzol de peixe, que o Evangelho lança em nós para nos fisgar, puxar-nos para si, 'pescar'-nos, puxar-nos para o ar e para a conversão.

O grande escritor Rainer Maria Rilke em suas Cartas a um Jovem Poeta exorta seu interlocutor a "viver bem as perguntas", a não correr imediatamente de porta em porta, de livro em livro, de professor em professor em busca de respostas. Amar as perguntas, deixá-las trabalhar dentro de si, como uma gestação" (E. Ronchi).

"Quando alguém tem respostas para todas as perguntas, isso mostra que está em um caminho ruim... Deus nos supera infinitamente, é sempre uma surpresa... Aquele que quer tudo claro e seguro afirma ter domínio sobre a transcendência de Deus" (GE 41).

Jesus chega aos discípulos com um ponto de interrogação antes de tudo.

Lembremo-nos disso quando sentirmos que temos a verdade em nossos bolsos. Porque Jesus nos exorta a sempre nos questionarmos, a questionarmos nossas leituras redutoras. Jesus, homem e Deus, é um grande mistério que sempre nos surpreende.

"O próprio Jesus é uma pergunta. Sua vida e morte nos desafiam sobre o último significado das coisas, nos questionam sobre o que torna a vida feliz. E a resposta ainda é ele" (E. Ronchi)

Como os dois de Emaús vão sair desse desespero?

Será o impensável que os salvará, uma brecha de espanto e novidade dentro de suas existências encolhidas, devolvidas a uma mera medida da realidade dos fatos.

A irrupção do novo se dá no coração do trauma, de todos os nossos traumas. Errar e levantar.

«Para o pessimismo basta apurar os fatos, pois é preciso criatividade para otimismo" (F. Mernissi).

E quem pode ser mais criativo do que Deus?

A ressurreição está sempre lá para nos dizer que não pode haver perda, angústia, decepção tão avassaladora e ardente que não possa ser superada pela criatividade do amor.

"É a notícia inesperada: há uma bênção escondida em nosso sofrimento.

De alguma forma, no meio de nossas lágrimas há um dom escondido" (H. Nouwen).

Nossa dor às vezes procura a toca, lambe suas feridas. Demos-lhe tempo para o fazer, para chorar, mas continuemos a escutar, permaneçamos abertos: o Senhor chama-nos.

Vinde, diz ele, vinde e eu vos farei descobrir a luz nas trevas da perda, o infinito dentro do túmulo das vossas esperanças.



TORINO 2024

13° raduno
internazionale



Há um presente em lágrimas.

Na Eucaristia, este imenso dom de Jesus, retraçamos o caminho de Emaús e O encontramos. Porque é disso que a Eucaristia nos fala: é a nossa vida. E não só nos conta sobre isso, mas cuida da vida dolorosa e ferida. Renova a vida, celebra-a, abençoa-a.

"Chegamos à Eucaristia com o coração partido por muitas perdas, nossas e do mundo". (H. Nouwen). Nesse caminho acidentado, voltamos a encontrá-lo.

Na Eucaristia recitamos: Senhor, *tende piedade*, uma confissão geral e comunitária.

Para interpretar o significado desse ato penitencial preliminar, gosto de me referir ao grande poeta Dante.

Sua *Divina Comédia* é uma obra conhecida do mundo inteiro, uma das maiores obras-primas do mundo. E como começa? Com um homem caminhando em uma floresta escura, que não sabe para onde ir, ele se sente perdido e tem tanto medo: "No meio da jornada da nossa vida / Eu me vi em uma floresta escura / porque o caminho reto foi perdido...".

Dante dá alguns passos para sair daquela terrível situação e três feras aparecem à sua frente, prontas para devorá-lo: são a imagem do mal que está dentro e fora dele, em sua pessoa e na sociedade. Dante congela, não pode mais continuar.

E quais são as primeiras palavras que Dante, paralisado pelo medo, profere? *Tende piedade de mim: tende piedade de mim*.

Essas palavras são um pedido de ajuda, não um sentimento de culpa, mortificado diante de um juiz, mas é pedir uma mão a um amigo, dizer a ele: me tire daqui, olhe onde eu cheguei. É estar disposto a deixar-se ajudar e a deixar-se amar.

Senhor piedade então significa: ajuda-me, eu não posso fazer isso sozinho. Dá-me a tua mão e leva-me para fora do meu bosque escuro, das minhas crises. Renovai-me, e comigo renovai todos esses outros que agora estão aqui nesta igreja. Ajude-nos a todos juntos. É "sentir Deus como uma pessoa viva que se comunica com a nossa pessoa viva" (Vannucci).

"Cristo vive. Ele é a nossa esperança e a juventude mais bonita deste mundo. Tudo o que Ele toca torna-se jovem, torna-se novo, é cheio de vida.

Ele está em vós, está convosco e nunca mais sai. Por mais longe que váis, o Ressuscitado está ao vosso lado, chamando-vos e esperando que recomeceis.

Quando vos sentirdes velhos por causa da tristeza, do ressentimento, do medo, da dúvida ou do fracasso, Ele estará lá para vos dar força e esperança" (Francisco, CV, 1-2).

